

Introdução

Meu primeiro contato com a obra de Nelson Rodrigues se deu através da leitura das famosas crônicas de *A vida como ela é*. As pequenas histórias envolvendo traições, amores desesperados e suicídios provocavam um fascínio muitas vezes envergonhado por um mundo onde as relações humanas são levadas ao extremo da obsessão. O mesmo fascínio se dava também com as peças teatrais do autor que, apesar de conhecidas por mim um pouco mais tarde, igualmente me levaram a adorar o estilo excessivamente melodramático e trágico.

Mas havia uma outra face de Nelson Rodrigues que eu não conhecia. Sabia que Nelson era também jornalista, mas nunca havia dado muita atenção a este lado do autor, talvez porque suas obras publicadas, estudadas, encenadas e comentadas eram sempre referentes aos textos teatrais e às crônicas ficcionais. É difícil encontrarmos trabalhos ou pesquisas que comentem e discutam a obra jornalística do autor.

Felizmente, hoje, essa lacuna do trabalho de Nelson como repórter foi preenchida, através da bela pesquisa de Caco Coelho intitulada *O baú de Nelson Rodrigues*, que reúne textos que vão do período de 1928 a 1935. Contos, crônicas policiais e críticas publicadas nos jornais *A Manhã*, *Crítica* e *O Globo* trazem o estilo inconfundível que se tornaria sua marca, e que veremos em suas obras posteriores.

Foi assim, através dessa pesquisa detalhada, que meu olhar se voltou para o jornalismo de Nelson Rodrigues e, principalmente, para as crônicas policiais que nos mostram como o gosto pelo drama humano já se fazia presente no início de sua carreira. Ingredientes conhecidos presentes na obra do autor como amor, traição, loucura, suicídio, violência e adultério aparecem nas reportagens policiais reunidas por Caco Coelho. A temática que vemos aqui demonstra que, desde a juventude, Nelson já apresentava as obsessões que seriam o embrião de seus futuros contos de *A vida como ela é*.

Na primeira parte, “A reportagem policial”, discutirei sobre o jornalismo feito no período, abrangendo principalmente a seção policial dos jornais. A

relação íntima entre fato e ficção presente no jornalismo dos anos 20, 30 e 40 resultava em textos que se aproximavam da literatura, principalmente a literatura de folhetins. O tom folhetinesco caracterizado por sua alta carga dramática dominou a imprensa até meados dos anos 50, quando a imprensa brasileira importou o estilo norte-americano de se fazer jornalismo.

Veremos também como a cidade e a violência da época, com proporções e características completamente diversas daquelas que vemos hoje em dia, influenciavam o jornalismo policial. Com o passar dos anos, a cidade se modernizou, a violência aumentou e conseqüentemente, o jornalismo e seus objetivos se transformaram. Novas regras foram criadas estabelecendo uma nova e moderna maneira de se fazer jornalismo. Ainda nessa primeira parte analisaremos como hoje em dia, determinados veículos de comunicação, como o rádio e a tv, manifestam a permanência do estilo de jornalismo policial feito anteriormente, acrescentando altas doses de sensacionalismo.

Na segunda parte, “A reportagem policial”, observaremos as características dos três jornais, suas diferenças e semelhanças, como foram criados os dois primeiros por Mário Rodrigues, e como se iniciou na profissão de jornalista o jovem Nelson. A partir do recorte das notícias policiais publicadas nos jornais *A Manhã* e *Crítica* inicialmente, e depois no jornal *O Globo*, veremos como Nelson transformou em crônicas as ocorrências policiais da cidade.

Com relação à linguagem e à temática das reportagens, observaremos como elas se diferenciam nas matérias assinadas e nas não assinadas. Quando se tratam de críticas sobre autores, artistas e intelectuais, vemos um Nelson mais formal, sério e reflexivo. Por outro lado, quando se tratam das crônicas policiais, e não assinadas, temos o sentimento trágico que, desde essa época, já aflorava no autor.

Na terceira parte, “O mau gosto”, será discutida a questão do fascínio que os temas trágicos rodrigueanos causam. A questão do popularesco e do mau gosto presentes não apenas em Nelson, mas em jornais populares, programas de rádio e televisão, provocam um misto de repulsa e curiosidade. O fascínio pelo grotesco, pelo bizarro, ou simplesmente pelo drama de situações, parece fazer parte da natureza humana. A princípio relutância, depois a curiosidade e finalmente a fascinação, na maioria das vezes envergonhada. No caso de Nelson, o fascínio já

comprovado pelo grande número de admiradores, ainda hoje espanta. Como se encantar pelo “canalha inédito”? Só mesmo quem lê Nelson sabe.

Tendo como base as crônicas policiais pesquisadas por Caco Coelho, será possível darmos um passeio pelo universo jornalístico de Nelson Rodrigues e percebermos que seu estilo trágico e deliciosamente obsessivo já se manifestava desde os primeiros textos escritos na juventude. Antes mesmo de atingir a maioridade civil, seus textos eram publicados rotineiramente nos jornais da família. Esse contato direto com a redação permitiu ao jovem Nelson adquirir desde os quinze anos de idade, experiência como repórter. Se por um lado ela foi sendo adquirida ao longo dos anos, o estilo já existia, seja nos jornais *A Manhã*, *Crítica* ou *O Globo*. O repórter que cobria sobretudo o setor policial, já é o mesmo de contos como *O canalha*, *Uma senhora honesta*, *Marido fiel* e *A dama do loteamento* (*A vida como ela é: O homem fiel e outros contos*). O estilo, a linguagem e as obsessões que vemos no material publicado por Caco Coelho não são inéditos para o leitor. É o Nelson Rodrigues de sempre; surpreendentemente novo e atual.

Ao final da análise, além de conhecermos um pouco mais sobre a profissão de Nelson como jornalista policial, veremos como suas reportagens abriam espaço para a ficção, preparando o futuro contista e cronista de *A vida como ela é*.